



Saúde Informa

Boletim Informativo da Faculdade de Medicina da UFMG

Nº 49 - Ano V - Belo Horizonte, Novembro de 2015

Novas perspectivas

A Faculdade de Medicina realiza, nos meses de novembro e dezembro, dois eventos que se dedicam a debater com a comunidade acadêmica e profissionais de saúde, novas perspectivas para o ensino de medicina na Unidade. São eles: 1º Simpósio Internacional Formação em Medicina de Família e Comunidade, dias 18 e 19 de novembro, e a Mostra de Experiência de Tecnologias Aplicadas ao Ensino da Faculdade de Medicina, AVAS21, dia 4 de dezembro.

Páginas 4 e 5

FACULDADE DE MEDICINA UFMG

JUDICIALIZAÇÃO

O impacto na saúde pública com processos judiciais

3

MACHISMO

Atendimento à vítima de violência apresenta falha

6

FÍGADO

O risco do consumo de bebidas industrializadas

7

Nos próximos dias, a Faculdade de Medicina realiza dois eventos que poderão traçar novos rumos para o ensino na instituição, e o Saúde Informa deste mês os destacam em suas páginas. São eles: o Simpósio Internacional Formação em Medicina de Família e Comunidade, que busca refletir sobre a criação de um novo departamento na Unidade, e também, a Mostra de Experiências de Tecnologias Aplicadas ao Ensino da Faculdade de Medicina, o AVAS21. Um momento especial para que a comunidade acadêmica conheça as ferramentas já disponíveis e passem a utilizá-las no desenvolvimento de suas atividades.

Esta edição ainda traz matéria sobre pesquisa desenvolvida na Faculdade que aponta que a judicialização na saúde está tirando recursos para políticas públicas de saúde mais efetivas e ampliando a desigualdade de acesso entre a população. Outro estudo, que trata sobre as falhas de percepção de gestores no atendimento à mulher vítima de violência, também está presente nas páginas deste informativo.

O Saúde Informa aborda, ainda, hábito muito comum nos dias atuais, o consumo de bebidas industrializadas. Estudo aponta a relação desse hábito e doença hepática gordurosa não alcoólica em um grupo de pacientes do Hospital das Clínicas.

Além dessas, outras informações você encontra em nossas páginas.

Boa Leitura

Publicação



Oftalmologia na Prática Clínica

A obra é editada pelo professor do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da UFMG, Marcio Nehemy, e pela oftalmologista Elke Passo. Traz informações sobre o espectro das doenças oculares e das principais causas de cegueira, de forma que generalistas e estudantes de medicina possam reconhecer e tratá-las. **Editora Follium.**



Revista Latino-americana de Telessaúde

A partir da próxima edição a revista desenvolvida pelo Centro de Tecnologia em Saúde da Faculdade de Medicina da UFMG (Cetes) estará disponível somente em versão digital. O próximo número também contará com uma seção dedicada ao relato de experiências em telessaúde. Confira todas edições no endereço: www.cetes.medicina.ufmg.br.



Coleção FEBRASGO – Vacinação da Mulher

O livro, que contou com a participação de Giselle Fachetti Machado, ginecologista e obstetra da Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia no Hospital das Clínicas da UFMG, mostra como as vacinas são capazes de proteger as adolescentes de várias patologias e ajudar a mulher a envelhecer com qualidade. Traz, ainda, exemplos de vacinas para viajantes. **Editora Elsevier.**

1 DE DEZEMBRO DE 2015
8h às 17h | Auditório Amílcar Vianna (62)

ENCONTRO 2015
PESQUISA IMT

ENCONTRO DE PESQUISA DE INFECTOLOGIA E MEDICINA TROPICAL

Internacionalização do
PPG Medicina Tropical

Inscrições limitadas pelo site:
medicina.ufmg.br/cpg

Avenida Alfredo Balena, 190
Santa Efigênia – Belo Horizonte, MG

Realização:

Ciências da Saúde:
Infectologia e Medicina Tropical

Apoio:

Centro de
Pós-graduação

UFMG

Expediente

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – Diretor: Professor Tarcizo Afonso Nunes – **Vice-Diretor:** Professor Humberto José Alves **Coordenador da Assessoria de Comunicação Social/Edição:** Gilberto Boaventura (MG 04961JP) – **Redação:** Deborah Castro, Lucas Rodrigues, Larissa Rodrigues **Estagiários:** Caroline Morena, Débora Lima, Filipe Elias, Lara Nassif e Karen Costa. **Projeto Gráfico:** Ana Cláudia Ferreira de Oliveira e Leonardo Lopes Braga. **Diagramação:** Luiz Romaniello – **Atendimento Publicitário:** Desirée Suzuki, Guilherme Lacerda (estagiário) – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 2000 exemplares – Circulação mensal **Endereço:** Assessoria de Comunicação Social, Faculdade de Medicina da UFMG, Av. Prof. Alfredo Balena, 190 / sala 55 - térreo, CEP 30.130-100, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – **Telefone:** (31) 3409-9651 – **Internet:** www.medicina.ufmg.br; facebook.com/medicinaufmgoficial; twitter.com/medicinaufmg e jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

Judicialização da Saúde tira recursos da assistência e provoca desigualdades no SUS

Ações judiciais que determinam ao Estado financiar procedimentos e medicamentos escasseiam recursos que poderiam ser investidos em políticas públicas de saúde

Deborah Castro

As implicações da judicialização nas políticas de saúde foram mostradas na pesquisa sobre o perfil das ações judiciais para o tratamento do diabetes interpostas contra a Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. O autor, Fabrício Simões, enfermeiro especialista em gestão e economia da saúde, apresentou o trabalho como dissertação de mestrado defendido junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UFMG.

“Há muitos trabalhos na literatura sobre a relação da indústria farmacêutica, médicos e advogados. Por isso, se discute a relação de interesses em situações como a judicialização, que atrapalha a condução e a organização do sistema público de saúde”, expõe. Além disso, ele pauta a discussão do direito individual em relação ao direito coletivo. “Uma coisa é um pedido para atender uma única demanda, outra é um pedido que vá transformar e corrigir uma política pública que não está cumprindo o objetivo de atender às necessidades da população”, continua.

No tratamento da diabetes

Para a análise, Fabrício utilizou o banco de dados criado pelo Grupo de Pesquisa em Economia da Saúde da UFMG (GPES/UFMG) que contém as ações do período de outubro de 1999 a outubro de 2009. Selecionando as relacionadas ao diabetes mellitus, ele conta que os pedidos eram por medicamentos, materiais de uso descartável, alguns equipamentos e por procedimentos.

O enfermeiro destaca a grande porcentagem dos pedidos de insulina, principalmente a Glargina, um medicamento incorporado pela Secretaria em 2005 justamente pelo excesso de ações judiciais, mas que até hoje se discute a efetividade. “O que se paga por ela neste momento não é interessante para o sistema público, porque existem outras opções no mercado que atendem aos usuários e com valores mais em conta”, comenta.



Judicialização da Saúde contribui para a desigualdade de acesso a Saúde, segundo especialista

A Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais foi réu em 100% das ações e, na maioria dos casos, as prescrições não tinham como origem o SUS. “Não que estas pessoas não tenham o direito ao benefício. O que questionamos é que as que buscam o judiciário detêm um poder aquisitivo maior, mais acesso a informação e, diferentemente da grande maioria da população, se beneficiam por isso, por meio da Judicialização”, pontua. “Tal fato contribui para o aumento da desigualdade, uma vez que grande parte dos cidadãos segue o fluxo da política pública para ter acesso aos benefícios”, completa.

Reação do Estado

“Os gastos com ação orçamentária exclusiva para judicialização eram embutidos geralmente na assistência farmacêutica, mas, com o crescimento tão grande, foi preciso organizar e estabelecer valores específicos”, conta

Fabrício. Ele ainda informa que o valor do crescimento é muito próximo às outras ações orçamentárias assistencialistas, como a própria Atenção Básica. “Tal aproximação é preocupante porque recursos de políticas públicas importantes são reduzidos para atendimento de demandas pontuais com poucos reflexos para a sociedade”, argumenta.

Simões ainda afirma que o Estado precisa pensar em nova estrutura, com um setor proativo, profissional e de inteligência que converse com o Judiciário e promova soluções para a melhoria do SUS. Para isso, é preciso que seja feito um trabalho de conscientização com uma interlocução maior entre os poderes. “O judiciário, como Estado que também é, deve discutir o seu posicionamento frente a esse fenômeno e atuar como efetivo coautor das políticas públicas, não apenas manter o confortável caráter punitivo, individualista e construtor de desigualdade no SUS”, conclui.

Título: Judicialização do acesso ao tratamento do diabetes no estado de Minas Gerais

Nível: Mestrado

Autor: Fabrício Henrique dos Santos Simões

Orientadora: Eli lola Gurgel Andrade

Programa: Saúde Pública

Defesa: 25 de fevereiro de 2015

Cuidado integral é tema de Simpósio Internacional

Profissionais estrangeiros e brasileiros se reúnem para discutir novos caminhos para a formação médica

Caroline Morena

A Medicina de Família e Comunidade (MFC), especialidade estratégica para a instituição de uma Atenção Primária à Saúde (APS) eficiente, será tema de discussão no Simpósio Internacional Formação em Medicina de Família e Comunidade, realizado pela Faculdade de Medicina da UFMG, nos dias 18 e 19 de novembro. O evento receberá profissionais estrangeiros para o intercâmbio de experiências. O diretor da Faculdade, Tarcizo Afonso Nunes conta que os debates serão uma preparação para avançar no projeto de criação do Departamento de Medicina da Família e Comunidade na instituição.

Tarcizo explica que, com a adoção do novo currículo, seguindo as diretrizes curriculares nacionais publicadas pelos Ministérios da Educação (MEC) e da Saúde, em 2001, a formação médica tem sido focada no atendimento primário à saúde. “Nós mudamos a grade curricular recentemente e eu sinto que, mesmo com a proposta de formação já voltada para a atenção primária, ainda precisamos evoluir. Acredito que a maneira mais adequada de fazer isso é criando esse departamento. Por isto, o objetivo do simpósio é fazer com que vejamos como essa formação tem sido feita em países como Espanha e Canadá, para que seja formada uma opinião crítica do tema, sobre como aplicar essas experiências ao nosso contexto”, esclarece.

A professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social, Alaneir dos Santos, reitera a importância de dar espaço para essas discussões na universidade. “Estamos em um momento no Brasil em que a atenção primária vem se consolidando, se constituindo como coordenadora do cuidado aos pacientes. Nesse sentido, a experiência dos países que têm seu sistema de saúde estruturado dentro desta concepção, demonstra

que é necessário, no processo de formação dos médicos, termos uma carga horária significativa para essa especialidade”, afirma.

Sobre o evento

O Simpósio Internacional Formação em Medicina de Família e Comunidade acontece na Faculdade de Medicina, nos dias 18, das 8h às 17h30, no Salão Nobre, e 19 de novembro, das 8h às 12h, no Auditório do Centro de Tecnologia em Saúde (Cetes).



Pela manhã, dia 18, às 10h30, o evento terá a participação da Diretora da Unidade de Ensino de Medicina de Família da Faculdade de Medicina da Universidade de Valladolid, na Espanha, Veronica Casado Vicente, e à tarde, às 15h30, haverá a apresentação do chefe do Departamento de Medicina da Família da Universidade MacMaster, no Canadá, David Price. Os convidados vão partilhar as experiências de seus respectivos países na formação médica centrada no cuidado à família e comunidade.

O evento se destina a estudantes, professores, residentes e profissionais da rede básica de saúde, da Secretaria Municipal de Saúde e da Unimed de Belo Ho-

rizonte. A participação será gratuita e as inscrições serão feitas no local, no dia do seminário.

A professora Alaneir explica que os debates pautarão a relação do novo departamento com os demais e os conteúdos que serão tratados por ele. Além disso, como esse processo se organiza nos países de referência e o papel dos serviços no contexto de formação focado na atenção primária. Estarão presentes, ainda, representantes dos ministérios da

Saúde e da Educação, das secretarias Estadual e Municipal de Saúde, da Sociedade Mineira de Medicina da Família Comunidade, da Liga de Medicina da Família e Comunidade e da Unimed.

Medicina de Família e Comunidade

O profissional de MFC tem sua atuação centrada no cuidado integral da saúde, levando em conta o contexto dos fatores biológicos, psicológicos e socioambientais em que se inserem os pacientes. Em um cenário ideal de preparo e estrutura, os médicos de família seriam capazes de, juntamente com as equipes da área, resolver cerca de 80% das demandas existentes do Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com Tarcizo. “Com isso espera-se diminuição das demandas para os hospitais, atendendo melhor principalmente a população de baixa renda, que utiliza com mais frequência o SUS”, afirma o diretor. Além disso, por estar familiarizado com o histórico clínico do paciente, o médico de família está apto a fazer um rastreamento precoce de problemas, melhorando o prognóstico.

Desde 2013, o Governo Federal, por meio dos Ministérios da Saúde e da Educação, tem adotado medidas de incentivo à formação desses profissionais. Neste ano, dentre mais de três mil novas vagas de residência médica, 75% são destinadas à ampliação do número de especialistas em MFC.

Mostra reunirá experiências de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem

Evento fará uma avaliação sobre o uso das ferramentas tecnológicas para reformulação da metodologia de ensino, pesquisa e extensão

Deborah Castro

No dia 4 de dezembro de 2015, no Hall, acontecerá a Mostra de Experiências de Tecnologias Aplicadas ao Ensino da Faculdade de Medicina. O tema será “Inovações tecnológicas e ambientes virtuais de aprendizagem”. O objetivo é conscientizar aos professores sobre as ferramentas que existem dentro da Faculdade de Medicina que podem auxiliá-lo, melhorando o processo de ensino e aprendizagem.

“A síntese desse primeiro momento é essa, mas é claro que não para por aí. Estamos falando do início de um movimento de sensibilização e identificação. A ideia é trazer cada vez mais pessoas para usarem as ferramentas tecnológicas e preparar novas”, declara o professor e vice-diretor da Faculdade, Humberto Alves. “Esperamos que esse seja o início de um novo processo que será adotado aqui na Faculdade, em parceria com o Centro de Educação a Distância (Caed) da UFMG”, ressalta.

Para o seminário, de 8h30 às 18h, no auditório do Cetes, as inscrições, limitadas, podem ser feitas no site da Medicina e, ainda que voltado, principalmente, para professores, o evento, também chamado AVAS 21 (Ambiente Virtual de Aprendizagem em Saúde do século 21), permitirá a participação da comunidade acadêmica. “Durante muito tempo o processo de educação foi apenas de ensino. Já o AVA e outras metodologias semelhantes a ele estão mais voltadas para a aprendizagem, ou seja, o aluno é mais ativo em seu papel e não fica apenas esperando receber as informações”, comenta Alves. Segundo ele, é importante que os professores tenham sensibilidade, conhecimento e competência para esse novo processo.

Contribuição dos recursos tecnológicos

“Hoje existe uma série de ferramentas tecnológicas que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Se o material exibido

AVAS 21
4 de dezembro

MOSTRA DE EXPERIÊNCIAS DE TECNOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DA FACULDADE DE MEDICINA
8h às 18h, Saguão da Faculdade de Medicina

SEMINÁRIO DE TECNOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DA FACULDADE DE MEDICINA
8h às 12h | 14 às 17h, Auditório do Cetes (6º andar)
Vagas limitadas para estudantes | Inscrições presenciais no Cenex

UFMG

pelos professores for disponibilizado para o aluno acessar na hora que desejar, ele pode aprender muito mais do que no tempo restrito da aula”, defende Alves. É com essa ideia que a Mostra irá apresentar os métodos e meios já existentes na Faculdade de Medicina, além de levar quem está fazendo esse trabalho isoladamente para que possam unir os esforços a outros e alcançar melhores resultados.

O vice-diretor afirma que essa será uma oportunidade importante para que todos conheçam os trabalhos uns dos outros e não precisem inventar algo que já existe ou já está sendo feito. “Haverá trocas de experiências, compartilhamento de informações, com o objetivo de sensibilizar as pessoas para a utilização das ferramentas tecnológicas”, conta. “Vamos mirar no futuro com base no que temos hoje, onde estamos, o que precisamos e para onde devemos ir. Nosso objetivo final é melhorar o processo de ensino e aprendizagem”, continua.

Como exemplos dos recursos que podem ser usados pelos professores, Alves cita aulas em forma de

vídeos e online, manequins robotizados e impressoras 3D. “As diretrizes curriculares novas preveem e estimula que, na medida do possível, tenha cerca de 20% de atividades online para que o aluno faça as aulas onde e quando desejar”, explica.

AVAS 21 como primeiro passo

Antes da Mostra, um questionário foi elaborado e aplicado aos professores da Faculdade para um diagnóstico a respeito das tecnologias disponibilizadas atualmente, o que é usado e o que é preciso aprimorar. Pelo menos o resultado parcial dessa análise será apresentado no AVAS 21.

Alves ainda diz que esse é um dos eventos necessários para discutir, avaliar e propor passos seguintes. “Em continuidade a esse momento teremos a própria avaliação dos questionários, disponibilizar os cursos que existem para níveis de especialização com ajustes para a graduação, adaptar os cursos online que precisam de tutorias para que sejam autodidatas, e realizar outras mostras para reavaliar sobre o processo de ensino e aprendizagem”, conclui.

Machismo está presente no atendimento à mulher vítima de violência

Mesmo com maioria feminina, grupo de gestores mostrou falhas na percepção de situações de violência

Karen Costa

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, sete em cada 10 mulheres no mundo já sofreram ou sofrerão algum tipo de violência em suas vidas. Pelo Mapa da Violência 2015 - Homicídio de Mulheres no Brasil, a taxa de feminicídios no país cresceu 21% entre 2003 a 2013.

Visando avaliar a percepção dos gestores de saúde acerca da violência contra a mulher, um estudo entrevistou 93 gestores participantes dos seminários do projeto *Para elas, por elas, por nós* em todo o Brasil. Esse projeto capacita profissionais da saúde para o atendimento à mulher vítima de violência. Esse estudo foi realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG.

Questionados sobre o que pensavam em relação a temas como a obediência da esposa ao seu parceiro, os entrevistados surpreenderam em algumas situações. “90,3% do público pesquisado era feminino e por isso esperávamos que essas mulheres estivessem mais sensíveis à percepção das situações de violência. Mas algumas delas têm comportamentos considerados machistas”, ressalta o autor do estudo, Wallace Medeiros Xavier.

Entre os resultados obtidos, 96,7% dos gestores discordam que é obrigação da esposa manter relações sexuais com seu marido. Entre os dados também está o de que 87,4% dos gestores não concordam com a submissão da mulher ao parceiro e 80,2% disseram que a esposa não deve obediência ao marido. “Esses números mostram grande sensibilidade aos direitos femininos, mas chama a atenção pela relação ao número de mulheres presentes na pesquisa. A expectativa era que todas as entrevistadas discordassem dessas situações”, lembra, Xavier.

A discussão de problemas familiares com pessoas de fora da família também foi abordada. “Os gestores são os responsáveis pela implementação das políticas de acolhimento e enfrentamento da violência contra a mulher, então são favoráveis a essa



Infográfico: Alex Mamedes

intervenção”, explica. “Mas 27,5% deles concordaram parcialmente que os problemas deveriam permanecer em casa”, diz.

Capacitação e sensibilização

Wallace declara que embora o atendimento seja efetivo, não é resolutivo para as vítimas. Isso porque essas mulheres voltam, muitas vezes, para o mesmo ambiente violento. “Mas podemos propor a elas outra realidade”, opina.

Nos seminários realizados pelo projeto *Para elas*, gestores e gerentes das áreas técnicas de Saúde da Mulher, em todos os estados brasileiros, discutiram ações para implementação de uma rede integrada de atenção à mulher em situação de violência no país.

Um dos pontos indicados pelos profissionais da saúde foi à necessidade de sensibilização e capacitação daqueles que atuam frente à mulher vítima. Para o pesquisador, isso seria fundamental para minimizar as consequências da violência. “A vítima passa

por vários serviços e às vezes é revitimizada por essa exposição. Com a capacitação, teríamos olhares mais sensíveis e a mulher se sentiria mais acolhida”, argumenta.

Mas o autor ressalta que não basta interligar serviços como a assistência social e delegacia da mulher. “Precisamos empoderar as mulheres para que elas conheçam os seus direitos e se sintam seguras para procurar suporte”, afirma.

Para elas, por elas, por nós

O projeto *Para elas, por elas, por nós* é desenvolvido pelo Programa de Atenção Integral a Saúde da Mulher em Situação de Violência, fruto de uma parceria entre o Núcleo de Promoção de Saúde e Paz do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG e o Ministério da Saúde. Além de capacitar profissionais da saúde para o atendimento à mulher vítima de violência, ele produz conhecimento e material científico sobre o tema.

Título: Percepção dos gestores de saúde acerca da violência contra a mulher

Nível: Mestrado

Autor: Wallace Medeiros Xavier

Orientador: Victor Hugo de Melo

Programa: Promoção da Saúde e Prevenção da Violência

Defesa: 29 de janeiro de 2015

Consumo de bebidas industrializadas pode causar aumento de gordura no fígado

Pesquisa investigou relação entre consumo de bebidas ricas em frutose e doença hepática gordurosa não alcoólica

Filipe Elias

A Doença Hepática Gordurosa Não Alcoólica (DHGNA) é uma doença causada devido ao acúmulo excessivo de gordura no fígado de indivíduos sem histórico de consumo de bebidas alcoólicas. É considerada uma manifestação da doença metabólica, com maior risco de ocorrência em pacientes que apresentam obesidade e a presença de diabetes mellitus.

A relação entre a incidência DHGNA e as bebidas industrializadas ricas em frutose foi tema de tese de dissertação, defendida pela nutricionista Geyza Nogueira de Almeida Armiliato, junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde do Adulto da Faculdade de Medicina da UFMG.

Para a autora, as características da doença dificultam o diagnóstico e atrasam o tratamento. “É uma doença perigosa porque não dói e não tem sintomas. É difícil convencer o paciente a mudar hábitos de vida (alimentação saudável e prática de atividade física) se ele não está sentindo incômodo, vê apenas os exames de sangue alterados”, comenta. “Se não for tratada, a doença pode levar à fibrose, com potencial para progressão para cirrose e câncer no fígado.”, ressalta.

Bebidas industrializadas e a DHGNA

O estudo foi realizado com pacientes diagnosticados com DHGNA, atendidos no Ambulatório de Doença Hepática Gordurosa Não Alcoólica, do Instituto Alfa de Gastroenterologia do Hospital das Clínicas da UFMG. Foram avaliados 51 pacientes, sendo 90% do sexo feminino. A maioria dos pacientes era obesa com IMC maior ou igual a 30 kg/m², com maior prevalência de obesidade grau 1 (entre 30 e 34,9 kg/m²). Eles foram divididos entre o grupo que consumia menos de sete copos de sucos industrializados ou refrigerantes por semana e o que consumia diariamente.

Todos foram submetidos a exames como avaliação clínica, laboratorial, nutricional e avaliação da prática de atividade física. A análise verificou a relação entre DHGNA em obesos e o consumo excessivo de bebidas industrializadas ricas em frutose. Segundo Geyza, o consumo dessas bebidas causa riscos que o paciente não percebe. “O paciente muitas vezes acredita que por estar apenas bebendo algo, não está consumindo muitas calorias, e também não se importa com a qualidade da caloria consumida. São bebidas com alto valor calórico porém de baixa qualidade nutricional”, explica.



Foto: Pixabay

Pesquisa alerta para uso de bebidas industrializadas

Ela ainda informa que o xarope de milho, comumente usado pelas indústrias como adoçante, entram mais rápido no fígado e sua ingestão pode causar resistência à insulina e aumento da gordura nesse órgão. “Além disso, aumenta a sensação de fome, pois não há a sensação de saciedade, a qual teria se estivéssemos consumindo uma fruta, por exemplo”, destaca Geyza.

Consequências do consumo de bebidas industrializadas

De acordo com a pesquisa, as bebidas industrializadas representaram, em média, 9,1% do consumo total de carboidratos pelos pacientes. O consumo alimentar médio de carboidratos foi semelhante nos dois grupos, assim como o consumo médio de açúcar de adição em relação aos carboidratos totais consumidos.

Além disso, constatou-se que o grupo que consumia mais bebidas apresentou maior frequência de hipertrigliceridemia, o aumento das triglicérides, e maior elevação de açúcar no sangue. O consumo diário de bebidas industrializadas ricas em frutose foi confirmado em 39,2% da população com DHGNA.

Segundo Geyza, seria interessante que a pesquisa fosse seguida por um estudo mais longo que tente observar as reações dos pacientes à redução do consumo de bebidas industrializadas durante um período. “O ideal é que essas bebidas sejam consumidas em pequena quantidade, no máximo um copo por semana. É adequado escolher a fruta que apresenta maior quantidade de fibras. Mas, na dúvida, a água ainda é a melhor opção, e se for optar por algum suco que seja o natural diluído em água”, conclui.

Título: Avaliação do consumo de bebidas industrializadas em pacientes com doença hepática gordurosa não alcoólica

Nível: Mestrado

Autora: Geyza Nogueira de Almeida Armiliato

Orientadora: Claudia Alves Couto

Coorientadora: Teresa Cristina de Abreu Ferrari

Programa: Saúde do Adulto

Defesa: 8 de Julho de 2015

Ditadura militar: a participação da comunidade médica

Evento discute participação de médicos no regime militar e a ética dos profissionais hoje

Karen Costa

Foto: Arquivo Cememor



Qual foi a participação da comunidade médica na ditadura militar brasileira? E como a preservação dos direitos humanos está presente hoje no atendimento à população? Estas serão as questões discutidas no seminário “Médicos e estudantes de Medicina durante a ditadura militar”, marcado para o dia 26 de novembro, às 18h30, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da UFMG.

Iniciativa da disciplina “Seminários em Bioética: ensino, pesquisa e assistência”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, a atividade vai contar com a exibição do filme “Retratos de Identificação”. O documentário revela a história da prisão de quatro ex-guerrilheiros que lutaram contra a ditadura militar e descreve as torturas a que eles foram submetidos. Entre eles, a ex-estudante da Faculdade de Medicina da UFMG, Maria Auxiliadora Lara Barcellos, Dôra.

“Infelizmente, médicos dessa época foram além do seu papel de salvar vidas. Alguns deles participaram do regime da pior forma, acobertando torturas com falsos atestados de óbito e exames de corpo de delito”, explica o professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade, Dirceu Greco.

Havia ainda aqueles que usavam os conhecimentos e habilidades profissionais da Medicina para o apoio técnico ao processo de tortura.

Porém, segundo o professor, situações assim não ficaram no passado. “Temos, por exemplo, o caso da prisão de Guantanamo, em Cuba”, comenta. Neste local, médicos americanos participavam de sessões de tortura contra suspeitos de terrorismo presos.

“Se situações como essa ainda acontecem, é preciso urgentemente discutir as questões éticas da medicina”, acentua. Para Greco, na Faculdade, os alunos aprendem a parte técnica da medicina, mas o papel do médico na sociedade precisa estar sempre em foco.

No debate, estarão presentes o cineasta Helvécio Rattón; a editora do documentário, Marta Leandro; e o professor da Faculdade de Medicina da USP e coordenador do Centro de Bioética do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP), Reinaldo Ayer.

“Como apoio da nossa discussão, também traremos à tona uma recente reportagem da revista “Ser Médico”, destaca Dirceu Greco, que será o moderador do seminário. Intitulada “Os médicos e a ditadura militar”, a matéria fala dos processos de divulgação do que houve no regime.

Para abordar as questões a partir da visão de uma jovem estudante de medicina, o debate também contará com a participação da aluna de Medicina da UFMG e bolsista do projeto de extensão MedCine, Jéssica Arantes.

Pesquisa IMT

No dia 1º de dezembro, das 8h às 17h, no Auditório Amílcar Viana, haverá o Encontro de Pesquisa de Infectologia e Medicina Tropical. O objetivo é discutir o rumo da pós-graduação na especialidade. As inscrições são limitadas e podem ser feitas até o dia 22 de novembro pelo site: www.medicina.ufmg.br/cp-ginfectologia.

Saúde Coletiva

A Faculdade de Medicina receberá o Encontro do Fórum de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, nos dias 26 e 27 de novembro de 2015. O encontro contará com a participação dos representantes da Saúde Coletiva junto à CAPES e tratará sobre a avaliação e pós-graduação no Brasil. Mais informações: <http://www.abrasco.org.br>

Saúde do Trabalhador

Com o objetivo de discutir os novos desafios para a pesquisa em saúde dos trabalhadores, será realizado o evento “Problemas Emergentes”, no dia 24 de novembro, das 9h às 12h, sala Amílcar Vianna, na Faculdade de Medicina da UFMG. A atividade contará com a participação do professor Carlos Muntaner da Universidade de Toronto/Canadá. Mais informações: www.medicina.ufmg.br

